

Ao Fim da Memória

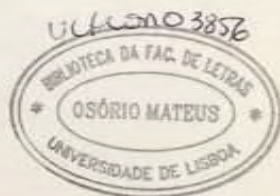
Fernanda de Castro



II VOLUME
1939-1987

Verbo

FERNANDA DE CASTRO



AO FIM DA MEMÓRIA

Memórias II [1939-1987]

2.ª Edição

Editorial VERBO



Copyright by Fernanda de Castro
Capa: óleo de Tarsila do Amaral
Arranjo gráfico: Sebastião Rodrigues
Impresso nas oficinas gráficas da
Litografia Continental — Lisboa
Abril de 1988

N.º Ed. 1759

Depósito Legal N.º 21 637/88

De regresso a Nova Iorque, o Jorge Segurado, o Bernardo Marques e o Tom, que estavam na gare à nossa espera, deram uma notícia ao António, que o deixou, e com razão, altamente preocupado. O comissário-geral da Exposição, aquele amável americano de que já falei, vendo que o fluxo de visitantes diminuía a olhos vistos e que, na Exposição, as pessoas já não se acotovelavam como nos primeiros meses, achou necessário encontrar uma maneira de reanimar a Feira e de dar nova vida aos diferentes pavilhões. Resolveu então dedicar cada dia a um país diferente.

Assim, por exemplo, no dia da França, todas as bandeiras seriam francesas, a *Marselhesa* seria tocada constantemente, tal como as canções francesas mais em voga naquela época: *Parlez-moi d'amour*, *Si petite*, etc.

A ideia era bem vista pelo seu prisma, mas desastrosa para grande número dos comissários. À noite, no quarto, o António desabafou:

— Que hei-de eu fazer, Santo Deus?! O dinheiro está mesmo no fim, tenho escassamente o necessário para o «levantar da Feira», o regresso dos artistas e o transporte do material, mas onde vou eu buscar dinheiro para novas festas, novos empreendimentos, se tenho de fazer mil habiliidades para o *cocktail* de despedida que sou obrigado a oferecer ao comissário-geral e às diferentes entidades e personalidades que mais nos ajudaram? Já não há tempo para

pedir para Lisboa um reforço da verba e além disso o Doutor Salazar sempre foi contra pedidos desta natureza, achando que orçamento é orçamento e que cada um tem o direito de gastar o que tem e mais nada.

Nessa noite tomámos comprimidos para dormir, na esperança de que no dia seguinte as coisas nos parecessem menos negras. E foi o que aconteceu.

O António era um lutador, não desistia nunca de nada, Pediu-me amavelmente que saísse, pois tinha de ficar só, para pensar a sério no caso. Eu compreendi as suas razões e fui ver mais uma vez as montras da 5.^a Avenida que, sem excepção, eram decoradas por artistas profissionais, de modo que cada uma delas era uma festa para os olhos. Ficava às vezes minutos a ver as montras duma loja de brinquedos verdadeiramente extraordinária. Logo a seguir era a Organização Elizabeth Arden, que ocupava vários andares, num arranha-céus. No rés-do-chão era a loja onde se vendiam todos os seus produtos, no primeiro andar uma sala de espera com *maples* confortáveis, jornais, revistas, rádio e gira-discos; no terceiro andar, *manucure*, *pedicure*, cabeleireiros, esteticistas, etc. Finalmente, no andar superior, uma bonita sala de chá onde se comiam deliciosos *muffins*, *croissants*, *scones*, etc.

A hora combinada voltei para o hotel, onde encontrei o António muito cansado mas menos tenso e menos preocupado. Fomos jantar e, enquanto comíamos, contou-me o que tinha feito e o que continuaria a fazer nos dias seguintes: escrevera e continuaria a escrever pelo seu próprio punho a todos os cônsules de Portugal e aos directores dos jornais escritos em língua portuguesa que se publicavam na América, e publicavam-se bastantes, a pedir que fizessem o máximo de publicidade sobre o Dia de Portugal na Exposição, em tal data, de modo a que um grande número de portugueses aparecesse com as respectivas famílias, incluindo filhos e netos, porventura já cidadãos americanos, mas ainda com fortes e profundas raízes em Portugal.

Quando acabou, estava exausto, com medo de que nada fosse suficiente para obter o que desejava. Passaram dias e, finalmente, no Dia de Portugal, quando nos preparávamos para sair, tocou o telefone, que o António atendeu, e, à medida que ia ouvindo, a sua expressão modificava-se, acentuando-se de momento a momento num sorriso de bom agouro. Pousou o telefone e disse-me:

— Depressa, temos de ir depressa, aconteceu um milagre! Parece que há imensa gente na Feira, uma verdadeira multidão, sobretudo em volta do nosso Pavilhão.

Efectivamente, quando chegámos, desta vez sem moto a abrir-nos o caminho, vimos todo o recinto da Exposição engalanado com bandeiras portuguesas, enquanto os altifalantes faziam ouvir de vez em quando *A Portuguesa* e muitas outras músicas então em voga, entre as quais algumas das mais belas marchas de John Philip de Sousa, o famoso compositor de origem portuguesa.

O comissário americano estava radiante, dizendo-nos que, até ali, tinha sido o dia mais concorrido da Exposição, desde que tivera a feliz ideia de dedicar um dia a cada país com representação na World's Fair. O António, de regresso ao hotel, disse-me:

— Eu ainda tenho de cá ficar uns quinze ou vinte dias para o levantar da Feira e para as despedidas. O Guilherme fica comigo para me ajudar. Quanto aos outros, têm que regressar a Lisboa quanto antes, pois, em boa verdade, já não há dinheiro para hotéis, ajudas de custo, etc., etc.

E aqui está como, meia dúzia de dias depois, embarquei no *Queen Mary* (*noblesse oblige...*).

Antes de partir, escrevi à Renée-Maeterlinck a dizer que seguia naquele barco, e ela respondeu-me por telegrama que lá estaria no Havre à minha espera como ficara combinado. Ainda hoje não sei qual dos barcos era mais bonito, mais imponente, se o *Normandie* ou o *Queen Mary*. Sei que nunca consegui, nem num nem noutro, encontrar sozinha o meu camarote. No *Queen Mary*, então, era uma verdadeira

desgraça, porque tinha vários andares, todos iguais, e se, por acaso, ou depois de grande meditação, acertava na localização da *cabine*, não acertava no andar, ou então, se acertasse no andar, encontrava-me sempre, infalivelmente, a tentar abrir, felizmente sem resultado, um camarote que nem por acaso era o meu. Então lá ia à procura dum *steward* que, nem sempre com muita boa vontade, me conduzia aos meus «aposentos». Estes dois barcos eram verdadeiras ruas e praças flutuantes, onde não faltava nada, sobretudo o supérfluo. Havia em todas as travessias um baile de Carnaval onde compareciam sempre, admiravelmente vestidos, um D'Artagnan e uma Lucrecia Borgia, uma Mona Lisa e uma Madame Sans-Gêne, sem falar, é claro, do Napoleão, do Marquês de Sade, de D. Quixote e de Sancho Pança, da Dulcineia e, até às vezes, do esquelético Rocinante. Tudo isto surgia, como que por encanto, duma dessas *boutiques* mais bem fornecidas do que qualquer das suas congêneres de Paris ou de Londres.

Não sei se todos conhecem o gentilíssimo costume americano que consiste em mandar à última hora, para bordo, lembranças para os amigos que viajam. Eu ignorava-o completamente e, assim, fiquei assombrada quando, ao entrar pela primeira vez, depois de o barco largar, na minha *cabine*, vi que estava repleta, a transbordar de presentes e presentinhos de toda a espécie: caixas com flores de luxo, frascos de perfume, sacos de bombons e rebuçados, pacotes de serpentinas, etc. Fiquei, como calculam, grata e enternecida, pensando, mais uma vez, que gosto dos Americanos, que os admiro em muitos aspectos e que em parte alguma se é tão hospitaleiro e tão gratuitamente amável.

A travessia foi curta e deliciosa. Todas as tardes havia boa música, todas as noites bom cinema, e, depois do cinema, havia o costume de jogar o bingo até às duas ou três horas da manhã. Uma noite tive a sorte de, com um só cartão, ganhar o suficiente para gratificar generosamente o pessoal de bordo, para um telegrama que mandei ao António, e ainda me sobrou

dinheiro. Voltemos porém aos presentes. Eu estava altamente preocupada, pensando que precisaria pelo menos de dez mãos para transportar tudo aquilo e isto sem falar da bagagem, que estava a cargo do pessoal da Companhia. Automaticamente os criados tinham levado as flores para o frigorífico, de modo que, ao chegarmos ao Havre, as flores regressaram à minha *cabine* tão frescas como no dia da partida: eram rosas e orquídeas, que a Renée apreciaria bastante. De repente tive um choque: e a Alfândega? O que iria acontecer na Alfândega? Tive então uma ideia que me pareceu genial: meti num grande saco todas as guloseimas e, quando cheguei à Alfândega, perguntei a um dos funcionários, que me pareceu mais simpático:

— Sabe como são na América. Encontrei-me com tudo isto no camarote e não sei o que lhe hei-de fazer. Algum dos senhores tem crianças que gostem de rebuçados e de chocolates? Tenho muito gosto em lhos oferecer. Não posso de maneira nenhuma levar comigo todos estes rebuçados.

Duas caras se abriram em sorrisos e foi assim que desembarquei sem que me abrissem uma única mala. Logo que me vi no cais, descobri, entre a multidão que esperava o barco, a Renée, que, como prometera, lá estava à minha espera, sorridente e solícita como sempre. Depois das banalidades habituais, perguntou-me:

— Vai para o Scribe?

— Sim, como sempre.

— Eu estou no Claridge — disse ela. — Médan está inabitável.

Continuei:

— O Scribe é muito cómodo porque tenho que fazer várias coisas amanhã de manhã, sobretudo na Casa de Portugal, que, como sabe, é mesmo ao lado.

Ao que ela respondeu:

— Depois do almoço gostaria muito que fosse comigo a Médan, onde tenho de ir buscar livros e manuscritos para o

Moni (era assim que ela chamava ao marido) e maça-me ir sozinha.

Ficou combinado que iria buscar-me às 3 horas do dia seguinte, ao hotel.

O dia estava lindo e o passeio foi extremamente agradável, sobretudo porque tínhamos de atravessar a floresta de Saint-Germain, sempre linda e fresca em qualquer época do ano. Íamos ambas muito bem-dispostas, e a Renée, no caminho, falando da América, que ela também adorava, contou-me uma história extremamente saborosa que lhes acontecera alguns anos antes. Maeterlinck, aureolado com o seu Prémio Nobel da Literatura, tinha sido convidado a fazer, em condições fabulosas, uma ou duas conferências na Broadway. Havia, porém, uma dificuldade: os Americanos, na sua maioria, não falam francês e Maeterlinck não sabia uma palavra de inglês. Pensou primeiro em desistir, mas, ao mesmo tempo, a proposta era verdadeiramente tentadora e apetecia-lhe conhecer os Estados Unidos, pois sabia que lhe estavam a preparar uma recepção apoteótica, e acabou por tomar uma resolução heróica: escreveu as conferências em francês, mandou-as traduzir para inglês com a pronúncia figurada, leu-as umas tantas vezes, e, tal um aplicado aluno da Berlitz School, lá partiu para a América com as conferências debaixo do braço.

A chegada a Nova Iorque foi uma apoteose: papelinhos deitados das janelas da Broadway, montras decoradas com pássaros azuis, etc., etc.

Na noite da primeira conferência, parou o trânsito na Broadway, e no teatro, a abarrotar, não cabia uma cabeça de alfinete.

A hora marcada, Maeterlinck começou a falar, mas Renée, foi ela que mo contou nessa tarde, reparou que o público se agitava nos *fauteuils* e nos camarotes e que, passados dois ou três minutos, várias vozes começaram a gritar daqui e dali, da plateia e dos balcões: Mais alto! Mais alto!

Maeterlinck compreendeu, levantou a voz, mas o público continuava a pedir, a exigir: Mais alto! Mais alto!

A paciência não era o forte de Maeterlinck, de modo que a certa altura se calou, dizendo o mais alto que podia:

— Tenho muita pena, mas sou um escritor, não sou um altifalante!

As pessoas riram, bem-humoradas, e começaram então a pedir-lhe que falasse na sua língua: Em francês! Em francês! Maeterlinck compreendeu então que eles o ouviam perfeitamente mas que não compreendiam uma só palavra do seu inglês bizarro e, com a maior naturalidade, como se estivesse em sua casa, dirigiu-se à mulher, que estava numa frisa de boca, e disse-lhe que mandasse o secretário buscar o original ao hotel. O secretário, que estava ao lado da Renée, levantou-se imediatamente, mas, como isto se passava no Inverno, e nessa noite nevava terrivelmente, Renée pôs com naturalidade o seu *vison* sobre os ombros do secretário, na esperança de lhe poupar uma pneumonia. O rapaz partiu imediatamente, mas os porteiros, ao verem um homem descer, a correr, a escadaria com um casaco de *vison* pelas costas, agarraram-no e entregaram-no à polícia do teatro.

Entretanto, no palco, Maeterlinck esperava impaciente e o público agitava-se. Então, para entreter os espectadores, que não compreendiam esta demora, começou a contar-lhes recordações da sua infância e da sua adolescência, de maneira tão sensível e tão cheia de poesia, que, mais tarde, os reuniu num volume a que deu o título de *Bulles Bleues*.

Quando finalmente se desfez o engano, quando se explicou aos polícias do que se tratava, o pobre rapaz foi a correr buscar o manuscrito de Maeterlinck e este pôde enfim fazer a sua conferência com um êxito em nada afectado, antes pelo contrário, por esta série de saborosas peripécias.

Logo que chegámos ao Castelo de Médan, o caseiro veio dar à Renée notícias das obras que estavam a ser feitas no telhado da casa e acompanhou-nos à biblioteca com a

a mala que ela trazia no carro para levar os livros que, em Nice, faziam falta a Maeterlinck. Renée, utilizando a escada da biblioteca, foi tirando um a um esses livros, quase todos preciosos, com magníficas encadernações. Quando a mala estava cheia, desceu então devagar, com muito cuidado porque a escada não era muito segura, arrumou-a no seu canto, fechou a mala à chave e mandou o caseiro pô-la no carro. Depois pôs-se a olhar em volta os livros, os quadros e as *boiseries* com um ar muito estranho, duma infinita tristeza. Momentos antes estava alegre e bem-disposta, mas, de repente, encostou-se a um dos cantos da biblioteca e desatou a chorar, a chorar perdidamente, sem poder pronunciar uma palavra. Eu, estupefacta e angustiada, pus-lhe a mão no ombro e perguntei-lhe:

— O que foi, Renée, que foi? Que aconteceu?

Ela então abraçou-me e disse com profunda convicção:

— Nunca mais cá volto, Fernanda! É a última vez que venho a esta casa! E tenho tanta pena, tanta, tanta!

Quis sossegá-la e disse-lhe essas palavras inúteis que se dizem nos momentos extremos, que são absolutamente sinceras, mas que não servem para nada.

— É um pressentimento. E eu nunca me engano quando tenho um pressentimento com esta força. É a terceira ou quarta vez que isto me acontece e nunca me enganei.

Renée tinha razão. Meses depois rebentou a guerra, os alemães ocuparam Médan, fizeram desaparecer livros, quadros e manuscritos e, para se aquecerem, queimaram as portas e as *boiseries* da biblioteca.

Quando a guerra acabou, os Maeterlinck não quiseram ver essa destruição e, anos depois, venderam, por uma ninharia, o castelo, onde, na torre, Ronsard escreveu algumas das suas melhores obras.

Tudo isto me deu muito que pensar por ter sido testemunha duma premonição que se cumpriu integralmente.

No dia seguinte, quando me apanhei no *Sud*, a caminho de casa, não queria acreditar. Gostara muito dos Estados Unidos, é verdade, passara três meses inesquecíveis, adorara ver cidades belas e interessantes — Nova Iorque, Washington, São Francisco, Chicago, Los Angeles, Hollywood, Boston, etc., o êxito dos nossos pavilhões excedera tudo o que tínhamos pensado, mas esta última *étape* no *Sud* levava-me a Portugal, a Lisboa, ao meu bairro, à minha casa, à minha família, aos meus amigos e aos meus filhos, aos meus filhos! Até àquele momento esperara pacientemente o minuto do reencontro, mas agora, atravessada já a fronteira de Irun, parecia-me impossível esperar ainda tantas horas. Para que o tempo passasse mais depressa, jantei cedo e deitei-me, na esperança de adormecer imediatamente. E foi o que aconteceu. Além de muito cansada, sempre adorei dormir nos *wagons-lits*, de modo que, quando acabei de me arranjar, no dia seguinte, estava apenas a duas horas de Lisboa! Nunca compreendi como nesse momento o *tempo* de Bergson, pois ia jurar que essas duas horas se tinham multiplicado por duas, por quatro, por oito, sei lá! Chegou porém o momento de entrar no túnel, pois, nessa altura, o *terminus* do *Sud* era ainda no Rossio e não, como hoje, em Santa Apolónia. Logo que o comboio parou, debrucei-me da janela e vi, imediatamente, o grupo, o grupinho que me esperava: família, amigos e eles dois, os meus rapazinhos, que, logo que desci do comboio, se agarraram a mim, um de cada lado e nunca mais me largaram. Ao chegar a casa tive a agradável surpresa (que aliás já não era surpresa) de ver a casa como um brinco, sem um grão de pó, impecavelmente arrumada e cheia de flores, muito frescas, que a Jacinta e a Zai tinham ido buscar ao mercado. A casa cheirava a flores, a cera e a alegria. Cada móvel me dava as boas-vindas à sua maneira, cada flor me recebia com a sua graça, o seu perfume especial. Todo o Bairro Alto parecia estar à minha espera, e a minha rua, na manhã seguinte, dar-me-ia os bons-dias nas vozes frescas dos seus pregões. A minha casa, esta casa de que

sempre gostei tanto, onde, até hoje, já vivi sessenta anos da minha vida — alguns dos melhores e, também, alguns dos piores, mas não me queixo, porque a vida é assim: preto encarnado, encarnado preto, com alguns cinzentos pelo meio, mas esses não têm história e, muitas vezes, nem sequer histórias. E não me queixo porque, primeiro, não serve de nada uma pessoa queixar-se, segundo, porque não são as lágrimas nem as lamentações que mudam os destinos, mas aquilo que fazemos ou não fazemos ao longo da vida, por nós e sobretudo pelos outros.



Pensando nos momentos maus, lembro-me daquela noite triste e chuvosa, que nunca esqueci nem poderei esquecer. Seriam 10 horas da noite. Os pequenos dormiam e eu acabava de ler, na sala, um livro que não me apetecia largar. De repente, alguém bateu à porta. Não era o António, que só voltava do S.N.I. por volta das duas horas da manhã. Era a Ofélia Marques, mulher do Bernardo Marques, a minha vizinha do segundo andar, que vinha molhada, muito abatida e com um ar friorento. Disse-lhe para entrar, levei-a para a sala e ofereci-lhe café, que tomou e agradeceu, dizendo-me que era exactamente o que lhe apetecia naquele momento. Conversámos de várias coisas, falamos do retrato, que ela estava a pintar, da mulher do Olavo d'Eça Leal, retrato que mais tarde lhe valeu o Prémio Sousa-Cardoso no concurso anual do S.N.I., mas vi perfeitamente que, apesar dos esforços que fazia para parecer natural, estava tensa e com certeza pouco feliz. Por volta das 11 horas despediu-se, dizendo:

— Estou cansada e além disso sei que você costuma deitar-se com as galinhas.

Eu protestei, mas ela insistiu em ir-se embora. Despedimo-nos, fechei a porta, fui deitar-me e adormeci rapidamente, como de costume. Contudo, antes de adormecer, ouvi correr

água na casa de banho que ficava por cima da minha e pensei: «A Ofélia vai tomar um banho quente e faz bem porque tinha ar de estar gelada.» No dia seguinte, à hora do costume, por volta das nove, quando me levaram à cama o pequeno-almoço, a Jacinta entrou no meu quarto muito aflita, dizendo repetidas vezes:

— Ai que desgraça, que grande desgraça! A senhora Dona Ofélia morreu!

Fiquei tonta, desmoralizada, e perguntei-lhe:

— O quê?! Quando? Como?

A Jacinta, com muitas pausas e muitas hesitações, acabou por me dizer:

— Foi a Maria que a encontrou. Ela tem as chaves da casa e quando entrou à hora habitual e levou o café à senhora, viu logo que ela estava morta, porque estava gelada e não respirava. — E a Jacinta continuou: — Parece que tomou um banho antes de se deitar, vestiu uma camisa muito bonita e deitou-se com o gato aos pés, como era seu costume.

Eu levantei-me, arranjei-me o mais depressa que pude e fui lá acima para ver se precisavam de mim ou do telefone para alguma coisa. Já lá estavam duas ou três pessoas de família e uma amiga que me disse em voz baixa, quase ao ouvido:

— Matou-se! Tinha um tubo de comprimidos vazio em cima da cama.

A pouco e pouco a casa encheu-se de gente — nem sei como a notícia se espalhou tão velozmente — e eu, vendo que não era necessária e não conhecendo nenhuma das pessoas que lá estavam, descí para contar ao António o que se tinha passado. O António acabava de acordar e a Jacinta já lhe dera a triste notícia. Assim que me viu, perguntou-me, ansioso:

— Então?! É verdade?! Está morta? Não há nada a fazer? Não a levaram para o hospital?

Disse-lhe que não, que a família dela já lá estava, assim

como o médico e alguns amigos. O Antônio, completamente transtornado, dizia inexplicavelmente:

— A culpa foi minha, devia ter compreendido, devia ter compreendido!

Contou-me então que na véspera, ao voltar do S.N.I., por volta das duas horas da madrugada, encontrara a Ofélia sentada num dos degraus da escada, tão visivelmente transtornada que a levara para dentro de casa e estivera a conversar com ela até perto das 3 horas da manhã. Então, com visível esforço, ela levantou-se, despediu-se e subiu as escadas, deixando a impressão de sentir-se terrivelmente só e infeliz. E continuou, aterrado:

— Então vão ter que lhe fazer uma autópsia. Que horror! E para quê?

Não foram os comprimidos que a mataram, foi a solidão!

É preciso dizer que, nessa altura, ela e o Bernardo já estavam separados há imenso tempo e que o Fred Kradolfer e o Zé Gomes Ferreira também já se tinham mudado e que, portanto, ela agora vivia sozinha. As suas únicas companhias, fora as visitas que já não eram muitas, era uma criada, a Maria, que entrava de manhã e saía à tarde, e o seu gato, que nunca a abandonava e que, estranhamente, estava enroscado a seus pés quando a encontraram inanimada na manhã da sua morte. Soube-se mais tarde que ela sempre tivera a mania do suicídio e que fizera a primeira tentativa aos 14 anos! Não teve pois nada que ver com o Bernardo o suicídio da Ofélia, assim como não teve nada que ver com Ofélia o suicídio do Bernardo, ocorrido algum tempo depois e com o qual algumas pessoas sensacionalistas tentaram estabelecer ligação.

A este dia, um dos tais dias cinzentos de que acima falei, seguiram-se outros ainda mais cinzentos, pois, além de gostar muito da Ofélia e do Bernardo, não podia esquecer que ambos tinham sido meus vizinhos durante muitos anos

e que a sua ausência deixara um grande vazio no prédio, neste prédio tanto tempo habitado por artistas e poetas, de que inexplicavelmente só eu resto, Deus e só Deus sabe porquê.

Desde aquela noite negra que acabo de descrever, a noite da morte da Ofélia, nunca mais deixei de ter sonhos horríveis, sem falar dos sonhos já antigos em que havia sempre touros ou feras, já meus conhecidos há muito. Agora não se tratava de feras nem de perseguições loucas através de emaranhadas florestas, de praias cobertas de monstruosos crustáceos, etc. Agora os meus sonhos, ou antes os meus pesadelos, falavam menos de coisas terrestres e mais de coisas misteriosas, incompreensíveis à luz da razão. Deram-me há muito tempo um pequeno livro que se chama *A Explicação dos Sonhos*. Devia tê-lo conservado, ser-me-ia agora muito útil. Assim, não tendo Freud nem o livrinho à mão, penso que estes sonhos repetidos, com touros, felinos e serpentes gigantescas, são reminiscências de velhos terrores. (Aquele praça na Figueira da Foz... — o touro saltou a barreira, o meu irmão Francisco ficou cheio de sangue. Uma tarde que devia ser de Verão porque estávamos sentados na erva, quando apareceu um campino a cavalo que, sem se deter, ia gritando:

— Fugam, anda um touro tresmalhado.

Numa tarde, num dia de ferra, o touro, espicaçado, saiu furioso do curro e, antes que os campinos pudessem rodeá-lo, «arrancou», perseguindo o meu irmão Afonso, pouco seguro na sua montada.)

Mas estes são os sonhos banais. Mais ou menos verosímeis, ligados por fios invisíveis à realidade. Os outros, porém, não são sonhos, são «viagens» que me perseguem durante meses, durante anos. Contei a última ao meu filho António:

— Tenho de encontrar, sou obrigada a encontrar um caminho, uma passagem, por entre florestas de árvores hostis, de ervas cáusticas, de plantas carnívoras. Fico esfarrapada e a escorrer sangue, mas do «lado de lá», transposta a passa-

gem, há uma praia que dá a volta ao mundo, um mar em que os flocos de espuma são cachos de lilases brancos, um céu de todas as cores, ao alcance das mãos. A praia está coberta de aves e de búzios, os peixes dormem à beira de água e tudo é música, ar, espuma, aves e peixes.

O António ouviu-me com atenção e murmurou :

— A passagem... A porta estreita da Bíblia.

— Acreditas na reencarnação ? — perguntei-lhe.

— Não, penso, como Ortega y Gasset, que *eu sou eu e a minha circunstância*.

— Então como explicas certas reminiscências, esta certeza do *já visto* perante coisas que se nos deparam pela primeira vez ?

— É difícil, mas não impossível explicar esses fenómenos.

— Sim, conheço a explicação, mas não me convence. Admitindo que os nossos olhos funcionam como máquinas fotográficas, que captam instantaneamente o objecto e logo nos devolvem a sua imagem, sem que a memória intervenha, como explicar que tenhamos essa mesma sensação do *já visto*, do já conhecido, quando os nossos olhos não podem ver o que no entanto sabem ?

O António ouviu-me calado e eu continuava a recordar. Quando se despediu, quase não dei pela sua partida. Estava longe, muito longe, num bairro, numa rua de que já nem sei o nome... Teria eu cinco ou seis anos quando vi, vi nitidamente, uma cave de que nem os meus pais conheciam a existência e onde eu queria guardar o meu triciclo. Fechei os olhos e tornei a ver o corredor, que era estreito e comprido. Nessa altura não sabia sequer o nome da rua onde ficava essa casa, de que aliás já aqui falei, e essa cave que adivinhei, que pressenti, não sei como nem porquê. Lembro-me desse tempo, sei que não tinha mais do que cinco ou seis anos porque ia todas as tardes à padaria pela mão da Adelaide. Ainda tenho nas narinas o cheiro a lenha queimada, e este cheiro que me vem da infância faz-me às vezes pensar na lareira da Quintaninha, no lume sabiamente aceso,

com caruma, ateado com pinhas e conservado com lenha de azinho. Como era bom, Elvira, assar chouriço e castanhas nas brasas! A última vez deve ter sido no Outono, porque a vinha-virgem do alpendre estava já toda vermelha. Porque será que certos momentos, aparentemente banais, nos deixam uma tal sensação de paz, de plenitude, de vida tranquila e feliz?



Haverá coisas mais estranhas do que gostar sem saber de quem? Quando se é novo gosta-se porque a alegria nos habita como uma presença a que damos, quase sempre erradamente, o nome de alguém.

Mais tarde, quando a mocidade passa, gosta-se mais, como se todas as horas fossem as da despedida, mas a vida já nos ensinou que há trigo e que há joio e já não pomos facilmente um nome à ansiedade que vive em nós — não como dantes vivia a alegria, mas como podia viver um pássaro cativo a que tivessem cortado as asas.

Haverá, na verdade, quem mereça a dádiva total do amor ou da amizade? Quem seja capaz de resistir à tentação das pequenas traições quotidianas, das omissões voluntárias, das mentiras a que chamam piedosas?

Chove. Está uma noite de vento e de lama. Por onde andarão as estrelas?



Noite de gala no Trindade com a presença de Ionesco, autor da peça *O Rei Está a Morrer*, representada em *reprise* pela companhia Amélia Rey Colaço-Robles Monteiro.

Teatro à cunha, curiosidade intensa em volta do autor, que, impassível, no seu camarote, não despertava grande simpatia nem dava azo a grandes manifestações. Nervosismo no palco e um certo desencontro entre a peça e os actores, que a presença de Ionesco tornava mais sensível.

No intervalo, pequena cerimónia no *foyer* do 1.º andar, onde, numa lápide de mármore, ficou assinalada a sua passagem pelo teatro.

Vestidos, jóias, *smokings*, flores... e o meu quarto de Alporchinhos onde, na pequena mesa de Monchique, com o mar em frente e um cheiro a uvas maduras em volta, eu traduzi, palavra a palavra, pensamento a pensamento, grito a grito, angústia a angústia, esta peça em que quiseram ver muitas coisas, mas que era, simplesmente, implacavelmente, o drama, a farsa, a tragédia do Homem em face da Morte e não da morte relativa que crê na sobrevivência da alma, mas da morte total, a morte-morte de que nem a memória fica, a morte emparedada para sempre nos arquivos do Tempo,

No fim do espectáculo, trocámos duas palavras banais de pura cortesia:

— Gosto muito da peça. Foi um prazer traduzi-la.

— Infelizmente não sei português, mas dizem-me que a tradução é boa.

Nada mais. Para quê? Nem Ionesco é aquele senhor que estava sentado no camarote sem sorrir e sem dar palmas, nem eu aquela senhora que lhe disse:

— Gosto muito da peça...

Há encontros que são sobretudo desencontros e este foi um deles. Se um dia, porém, o acaso nos colocar frente a frente e a sós, sobretudo a sós, dir-lhe-ei coisas como estas:

— Aqui estou para responder à angustiada pergunta de Ionesco-Bérenger... Sim, acredito na purificação vivida em vida, na ascensão de morte em morte. Sim, sim, acredito na escalada dos Sete Céus quando o fio de prata se quebra.

Ionesco-Bérenger duvidará:

— Demasiado simples.

— Tem de ser necessariamente simples: todos nascem e todos morrem, até os génios, até os Santos, até os pobres de espírito.



Desde que não se trabalha ao sábado, a semana tem dois domingos. Ora se já era difícil suportar um domingo — *jamais les dimanches* —, como suportar dois!

Todas as segundas-feiras prometo a mim mesma organizar o meu fim-de-semana, mas qual! Chego à sexta-feira tão cansada das pequenas coisas inúteis que somos obrigados a fazer, que só tenho uma ideia: aproveitar o sábado para esquecer tudo isso, para pôr em dia correspondência e telefonemas, para, de vez em quando, me oferecer uma pequena festa a meu modo, isto é, para passar o dia na cama. Foi o que hoje me aconteceu: encostada a duas almofadas, a cama feita com lençóis de linho a cheirar a alfazema, sinto-me confortável — sinto-me sobretudo inteligente por ter recusado um convite para o cinema. (A respeito de cinema, ando muito desconfiada, não quero pagar para ver o que pagaria muito caro para não ver.) Passear, sim, gostaria às vezes de passear, mas não eternamente de Lisboa para Cascais e de Cascais para Lisboa; gostaria de ir para mais longe, gostaria de ver as verdadeiras árvores, as velhas casas, as antigas aldeias. Mas a quantos quilómetros de casa tudo isto, se é que tudo isto ainda existe? Paciência, ficarei em casa, de qualquer modo a passear também, não pelas estradas dos arredores, mas pelos caminhos do pensamento, que nos levam muito longe, até onde chega a memória. Que irei pois fazer para mobilar este sábado frio, a que este pálido sol de Inverno dá uma cor de oiro doente? Catalogar, com a ajuda dos magníficos livros que a Jacqueline me mandou, as conchas ainda não identificadas da minha colecção? (Aqui está uma maneira original de viajar, saltar do Japão para as Antilhas, da Austrália para Moçambique, da África do Sul para o Mediterrâneo, e tudo isto sem fadiga e sem despesa.) Devo dizer que as conchas são um dos grandes-pequenos problemas da minha vida. Com efeito, como arrumá-las? Todas as paredes são poucas para os livros, e o armário onde